



Educação, Informação Comunicação e Saúde: Proteções contra a DESINFORMAÇÃO

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

**EIXO TEMÁTICO: GT 2 – Divulgação e comunicação como estratégia de enfrentamento
à desinformação em Ciência e Saúde**

TECENDO REDES NO ENFRENTAMENTO À DESINFORMAÇÃO: RELATOS DO PROJETO BORA CHECAR NA BAHIA

WEAVING NETWORKS TO COMBAT DISINFORMATION: REPORTS FROM THE BORA CHECAR PROJECT IN BAHIA

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo

Este artigo analisa as experiências vivenciadas nas oficinas realizadas em 2024 com o projeto *Bora Checar*, que desenvolve oficinas de educação midiática e divulgação científica em escolas públicas da Bahia, com o objetivo de combater a desinformação entre estudantes do ensino médio. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, combinando revisão de literatura e relato de experiência, com base em observações realizadas durante as oficinas em Salvador, Santiago do Iguape e Catu. A intenção é compreender as atividades propostas nas oficinas como um modo de estimular o pensamento crítico, fomentar a capacidade de identificar conteúdos desinformativos e estimular a formulação de estratégias de enfrentamento a partir dos contextos socioculturais dos participantes. Os resultados evidenciam que os estudantes demonstram consciência crítica prévia e - com as oficinas - ampliam sua capacidade de interpretar e questionar informações, especialmente nas áreas da ciência e da saúde. Conclui-se que a escola pública, mesmo em contextos de vulnerabilidade, constitui um espaço estratégico de resistência, formação cidadã e fortalecimento do conhecimento científico orientado pela justiça social.

Palavras-chave: Desinformação científica; Educação midiática; Divulgação científica.

Abstract

This article analyzes the experiences of the workshops conducted in 2024 as part of the *Bora Checar* project, which develops media literacy and science communication activities in public schools in Bahia, Brazil, with the goal of combating disinformation among high school students. The research adopts a qualitative approach, combining literature review and experiential reporting, based on observations carried out during the workshops held in Salvador, Santiago do Iguape, and Catu. The aim is to understand the proposed activities as a means to stimulate critical thinking, enhance the ability to identify disinformative content, and encourage the development of response strategies based on the participants' sociocultural contexts. The results show that students

demonstrate prior critical awareness and, through the workshops, expand their ability to interpret and question information—especially in the fields of science and health. The study concludes that public schools, even in contexts of vulnerability, serve as strategic spaces for resistance, civic education, and the strengthening of scientific knowledge guided by social justice.

Key words

Scientific disinformation; Media literacy; Science communication.

INTRODUÇÃO

No interior da Bahia, o enfrentamento à desinformação se aprende na escola — mais precisamente, em escolas públicas dos municípios de Salvador, Santiago do Iguape e Catu, participantes do projeto Bora Checar. Trata-se de uma iniciativa da Fiocruz Bahia e do Instituto Motriz, em parceria com pesquisadores da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O projeto tem o objetivo de promover oficinas de educação midiática e divulgação científica com estudantes do ensino médio. A proposta desta pesquisa, baseada na vivência e observação direta dos autores, é compreender de que modos tais oficinas contribuem para o enfrentamento da desinformação, com foco especial nas ações de educação midiática e divulgação científica.

O projeto Bora Checar foi desenvolvido pela Fiocruz Bahia (Instituto Gonçalo Moniz), com apoio da Embaixada dos Estados Unidos e da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Inovação da Bahia (SECTI) e organizou uma série de ações voltadas ao desenvolvimento de competências informacionais e midiáticas entre estudantes de escolas públicas baianas. Entre as ações, destacam-se oficinas voltadas ao enfrentamento da desinformação, especialmente em temas de saúde, ciência e meio ambiente. Realizado entre abril e novembro de 2024, o projeto envolveu jovens de comunidades urbanas e quilombolas, valorizando o pensamento crítico e o protagonismo estudantil no combate à desinformação digital. A culminância do Bora Checar, marcada por palestras, apresentações culturais e atividades criativas, evidenciou o impacto da iniciativa na formação cidadã dos participantes. O projeto integra as ações do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia), que, desde sua fundação em 1950, atua no fortalecimento da pesquisa científica, da inovação tecnológica e da educação em saúde pública na Bahia, além da promoção do conhecimento científico em diálogo com a sociedade.

Na primeira fase do Bora Checar, o foco foi orientar os participantes sobre como contextualizar as informações recebidas por meio das mídias digitais, transformando-as em conhecimento significativo e atuando na análise e enfrentamento da desinformação. A segunda etapa da iniciativa ocorreu entre os dias 16 e 20 de setembro de 2024, envolvendo alunos da Escola Central de Salvador, do Colégio Estadual Quilombola de Santiago do Iguape e do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, no município de Catu, todos localizados no Estado da Bahia. As ações tiveram como finalidade estimular os estudantes a refletirem sobre a importância do conhecimento científico, analisando conteúdos desinformativos e compreendendo o contexto do ecossistema da desinformação, como identifica Recuero (2024). Como observa a autora, o enfrentamento à circulação de conteúdo desinformativo envolve a compreensão de que a desinformação é um fenômeno multidimensional, que atravessa a totalidade das práticas sociais e está presente no cotidiano e na organização da sociedade como um todo. Em todas as oficinas, foram realizadas atividades de checagem de informações, debates sobre desinformação científica, planejamento e produção de ações de divulgação científica, entre outras. Além disso, os alunos foram incentivados a criar ações de enfrentamento à desinformação a partir das demandas de suas comunidades, revelando um pensamento crítico sobre as mídias, que, em muitos casos, já existia antes mesmo das atividades. Em Catu, um dos estudantes chegou a afirmar: “isso é uma notícia falsa porque é uma tentativa de deslegitimar os povos originários”, revelando a escola como um espaço fértil para a resistência e a reafirmação de saberes essenciais à continuidade das culturas e identidades dessas comunidades. Com base na experiência vivenciada no acompanhamento e na realização das oficinas pelos autores deste artigo, o objetivo é compreender a relação dos jovens estudantes do ensino médio, participantes das oficinas, com informações científicas e sua capacidade de identificar conteúdos desinformativos a partir das vivências proporcionadas pelas atividades. Além disso, busca-se analisar de que modo as oficinas de educação midiática e divulgação científica do projeto Bora Checar podem contribuir para o enfrentamento à desinformação. Parte-se da premissa da vulnerabilidade informacional, entendida como a condição em que comunidades periféricas enfrentam acesso restrito à diversidade de fontes de informação, dependendo majoritariamente de plataformas digitais para se informarem. Tal condição compromete o acesso a conteúdos diversos e qualificados, dificultando a verificação de fatos e a construção crítica da informação.

Nesse sentido, as contribuições de Massimo Di Felice (2017) sobre a cidadania digital oferecem um ponto de partida importante para compreender como os sujeitos contemporâneos constroem suas existências em redes socioinformacionais. Ao deslocar a ideia de cidadania para o plano das interações em rede, Di Felice propõe uma nova forma de comunicação em tempos de redes e plataformas digitais: conectada, distribuída e baseada em relações horizontais entre humanos e dispositivos. No entanto, essa mesma reconfiguração da cidadania revela uma nova forma de exposição, em que os sujeitos participam de fluxos informacionais incessantes, muitas vezes mediados por algoritmos e plataformas. A inserção ativa nas redes, contudo, também pode acentuar processos de desinformação, invisibilização e exclusão — elementos centrais para se pensar a condição de vulnerabilidade no ambiente digital.

Parte-se da perspectiva das desigualdades no acesso e na compreensão dos mecanismos de circulação de informações no contexto contemporâneo para localizar os públicos das oficinas Bora Checar como parte de um cenário em que as disputas por direitos básicos também se inserem no âmbito informacional e no contexto da circulação de conteúdos desinformativos. Dessa forma, evidencia-se a urgência de pensar mecanismos de enfrentamento que passem pela educação midiática, justificando as ações das oficinas nas escolas visitadas, especialmente em áreas sensíveis, como a saúde, nas quais a circulação de informações confiáveis é essencial para a garantia de direitos e para a tomada de decisões conscientes.

Utiliza-se como metodologia a revisão de literatura e o relato de experiência, com o intuito de refletir sobre o papel da escola como espaço de resistência e de emancipação crítica frente ao ecossistema desinformativo. Este ecossistema, conforme descrito por Recuero (2024), é entendido como uma rede complexa de produção e circulação da desinformação. Os resultados preliminares apontam para a construção de uma consciência crítica nos estudantes após as oficinas, com potencial para transformar práticas sociais e fortalecer o diálogo entre ciência e sociedade.

Nesse contexto, o projeto Bora Checar também se insere em um movimento mais amplo de fortalecimento da relação entre a comunidade acadêmica e a sociedade, por meio da divulgação científica. Como destaca Luisa Massarani (2020), a divulgação científica deve criar espaços de diálogo em que a ciência se torne acessível e relevante para o público em geral. Em um país como o Brasil, marcado por desigualdades socioeconômicas históricas e no qual questões científicas e de saúde afetam

diretamente a vida das pessoas, é imprescindível que a ciência seja compreendida e discutida por todos, como um bem comum e instrumento de transformação social. Nas oficinas, os alunos são desafiados a refletir sobre o papel da ciência na sociedade, questionando não apenas os conteúdos científicos, mas também os processos sociais, políticos e econômicos envolvidos na produção e disseminação do conhecimento. Isso contribui para a construção de uma cultura científica democrática e inclusiva, em que a ciência se torna uma ferramenta de empoderamento e de promoção da justiça social. Portanto, identificam-se, nas experiências com o Bora Checar, espaços necessários de debate e reflexão sobre as estratégias de enfrentamento à desinformação, tendo a escola como foco central.

2. DESINFORMAÇÃO CIENTÍFICA E VULNERABILIDADE INFORMACIONAL

O estudo parte da compreensão da desinformação científica como um processo multidimensional, sistêmico e dinâmico, que se manifesta em múltiplas plataformas digitais e impacta diretamente o direito à comunicação e à saúde. O fenômeno da desinformação não se refere a um recorte isolado da realidade. Ao contrário, resulta de um contexto amplo de mídias e plataformas digitais que atinge todas as dimensões da existência humana. Em diálogo com Massimo Di Felice (2017), entende-se que a sociedade midiaticizada constitui um cenário no qual a esfera pública, as práticas sociais e a cidadania se fortalecem em face dos ambientes digitais.

É nesse contexto que os aportes teóricos de Luciano Floridi e Rafael Capurro se tornam fundamentais. Floridi concebe os indivíduos como “agentes informacionais” imersos na infosfera, cuja existência está intrinsecamente ligada à qualidade e à integridade das informações que os cercam (Floridi, 2013). A cidadania digital, pensada sob essa ótica, implica não apenas participação, mas também exposição a assimetrias de poder na produção, acesso e controle de dados — o que caracteriza um reforço das desigualdades sociais na dimensão informacional da existência. Logo, é possível depreender a ideia de vulnerabilidade informacional como a condição de assimetria no acesso aos direitos humanos fundamentais e à consolidação da cidadania.

Já Capurro (2006) propõe que a vulnerabilidade não é apenas técnica ou social, mas ontológica: ser digital é, por natureza, estar aberto à interpretação, à mediação e, portanto, à exposição. Assim, ao relacionar as reflexões de Di Felice com as de Floridi

e Capurro, evidencia-se que a cidadania digital contemporânea, embora repleta de potencialidades conectivas, também nos coloca em uma condição estrutural de vulnerabilidade informacional, exigindo uma ética capaz de lidar com as tensões entre autonomia, interdependência e controle algorítmico.

Relacionando esses autores à perspectiva do enfrentamento à desinformação, parte-se da compreensão das desigualdades no acesso e na compreensão dos mecanismos de circulação de informações no contexto contemporâneo para localizar os públicos das oficinas Bora Checar como parte de um cenário em que as disputas por direitos básicos também se inserem no âmbito informacional e no contexto da circulação de conteúdos desinformativos. Dessa forma, evidencia-se a urgência de pensar mecanismos de enfrentamento que passem pela educação midiática, justificando as ações das oficinas nas escolas visitadas. Em paralelo, a proposta dialoga com a perspectiva freiriana de educação para a autonomia (Freire, 2021), que valoriza a curiosidade, o pensamento crítico e a emancipação do sujeito como fundamentos para uma formação integral. Em tempos de onipresença de plataformas e mídias nas práticas sociais cotidianas, a compreensão de uma educação pública pautada na educação midiática se faz urgente e corrobora a perspectiva da divulgação científica como um movimento de democratização do conhecimento. Como defende Massarani (2020), essa prática promove o acesso qualificado à ciência e destaca sua relevância para a vida cotidiana. Ambos os conceitos permeiam o desenvolvimento do presente trabalho, conforme detalhamento a seguir.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, combinando a revisão de literatura acerca do conceito de educação midiática, com o relato de experiência dos autores que acompanharam diretamente as oficinas do *Bora Checar*. Esta metodologia busca não apenas descrever as ações realizadas, mas também refletir criticamente sobre seus impactos formativos. Os dados foram produzidos por meio da observação participante nas oficinas realizadas em setembro de 2024, nos municípios baianos mencionados.

3.1 Coleta de Dados

SEMINÁRIO: EDUCAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E SAÚDE: PROTEÇÕES CONTRA A DESINFORMAÇÃO

SALVADOR – 29, 30 e 31 de julho de 2025

A coleta de dados foi realizada por meio de observações das atividades desenvolvidas nas oficinas, anotações de falas dos participantes e análise dos produtos comunicacionais elaborados pelos estudantes. As oficinas do projeto Bora Checar, realizadas em cinco escolas públicas da Bahia em 2024, tiveram como foco o desenvolvimento de competências midiáticas e científicas para o enfrentamento da desinformação em saúde. As atividades foram organizadas em três momentos principais: uma parte expositiva, uma dinâmica prática de identificação de fake news a partir de notícias falsas distribuídas em pequenos pedaços de papel, a serem classificadas entre 'fato' ou "fake" e uma etapa de elaboração de projetos para ações locais. Na parte expositiva, os estudantes foram introduzidos ao conceito de desinformação, com ênfase em suas dimensões midiáticas, sociais e políticas. Discutiu-se como a desinformação é construída intencionalmente para manipular percepções da realidade, explorando o funcionamento das chamadas “operações do engano” e o papel das redes sociais nesse processo. Foram apresentadas também as especificidades da desinformação em ciência e saúde, como a crise de legitimidade da ciência, as dificuldades de comunicação científica e o impacto da circulação de notícias falsas sobre vacinas, tratamentos e doenças.

Em seguida, as turmas participaram de uma dinâmica interativa, na qual analisaram diferentes conteúdos veiculados nas mídias digitais, impressos em duplas de imagens e distribuídos em cada grupo. Os estudantes receberam uma seleção de supostas notícias sobre saúde e, em grupo, foram convidados a identificar sinais de desinformação, como ausência de fontes confiáveis, uso sensacionalista de imagens e manipulação de dados. A atividade incluiu também a análise dos elementos audiovisuais das peças (vídeos, memes, prints de redes sociais) e a discussão sobre critérios de credibilidade das fontes.

Na etapa final, os estudantes preencheram um formulário de planejamento de iniciativas locais para o enfrentamento da desinformação em suas comunidades. Esse formulário incluía perguntas orientadoras sobre as principais dúvidas e preocupações da população local, os canais mais utilizados para comunicação (como WhatsApp, rádio comunitária ou rodas de conversa), os formatos preferidos para divulgação de informações (vídeos curtos, panfletos, textos simples) e estratégias para ensinar a identificar fake news. As respostas possibilitaram a construção de conteúdos e propostas com base nos contextos socioculturais dos participantes, fortalecendo o protagonismo juvenil na promoção da saúde e no combate à desinformação.

3.2 Discussão

As práticas das oficinas buscaram não apenas ampliar o pensamento crítico dos estudantes, mas também posicioná-los como agentes multiplicadores de informação qualificada em seus territórios, reforçando o papel da escola pública como espaço estratégico de formação cidadã e justiça social.

Nesse sentido, para problematizar e compreender a relação dos alunos com a produção científica e a circulação de informações, utiliza-se como base teórica o aprofundamento dos conceitos de **desinformação científica**, compreendida como um processo dinâmico e sistêmico que envolve redes, plataformas digitais, interações sociais e estratégias de manipulação da informação — todas interligadas. Trata-se de um fenômeno que emerge de um sistema interconectado, no qual as mensagens circulam, criam sentidos e impactam práticas sociais, como o jornalismo e a produção científica, exigindo uma compreensão mais ampla e eficaz para o seu enfrentamento. A desinformação, enquanto fenômeno sistêmico, também tensiona hierarquias de saberes, demandando uma reflexão sobre a urgência de fortalecer os debates na esfera pública. Retoma-se, igualmente, a ideia de **vulnerabilidade informacional** (Di Felice, 2018; Floridi, 2013; Capurro, 2006), evidenciando, no contato com os alunos, que o fortalecimento da cidadania digital contemporânea e o enfrentamento da vulnerabilidade informacional passam pelo desenvolvimento de ações de educação midiática (Oliveira e Souza, 2022) voltadas ao combate à desinformação. Tais ações devem fomentar políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento de aprendizagens sobre os processos envolvidos na criação de discursos desinformativos e sobre como as pessoas podem se proteger.

Identifica-se que a aprendizagem das estruturas que regem a produção de conteúdo desinformativo nas mídias envolve a capacidade de compreender e interpretar elementos audiovisuais, como imagens, vídeos e efeitos sonoros. Isso inclui a compreensão de como tais elementos são utilizados para transmitir mensagens e construir narrativas persuasivas. Nesse sentido, a educação midiática cumpre um papel essencial ao estimular a reflexão crítica e a avaliação de fatos, promovendo práticas

informacionais que contribuem para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento da capacidade de identificar conteúdos verdadeiros ou falsos.

A educação midiática também favorece a detecção de possíveis vieses e a compreensão das intenções por trás das mensagens disseminadas nas mídias digitais, estimulando a consciência sobre as estruturas de poder mediadas por plataformas digitais e a participação ativa nos processos democráticos (Buckingham, 2003; Oliveira e Sousa, 2022). Trata-se, portanto, de uma prática social, cultural e política, essencial em um ecossistema comunicativo e digital que desafia a escola a reconhecer criticamente os discursos midiáticos e seus interesses.

A educação midiática, assim como o enfrentamento à desinformação e a valorização da ciência, revela-se fundamental para refletir sobre os caminhos possíveis para a educação pública na era digital e para a análise das atividades desenvolvidas nas oficinas.

3.3 Resultados

A partir da proposta das oficinas, compreende-se a **divulgação científica** como um movimento que visa à democratização do conhecimento e à superação das desigualdades no acesso à ciência. O projeto **Bora Checar** reforça essa visão ao favorecer a troca de saberes, por meio da qual estudantes de escolas públicas têm a oportunidade de dialogar sobre ciência, tecnologia e, principalmente, desinformação.

Assim, o projeto busca formar uma consciência crítica nos estudantes, equipando-os com ferramentas para analisar, questionar e interpretar informações científicas — uma habilidade vital na era digital, nos moldes do que Paulo Freire (2021) identifica como uma **educação para a autonomia**. Para o autor, a educação não é apenas um processo de transmissão de conhecimento, mas uma prática dialógica que visa à emancipação do sujeito, estimulando sua curiosidade e capacidade crítica como agente ativo na construção e circulação do conhecimento científico.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência com as oficinas do *Bora Checar*, identificamos que a educação midiática, integrada à divulgação científica, pode se constituir como estratégia

pedagógica eficaz no enfrentamento à desinformação, especialmente em contextos de vulnerabilidade informacional. O projeto demonstrou o potencial das escolas públicas como espaços de formação crítica e emancipatória, em que o conhecimento científico é apropriado de forma contextualizada e transformadora.

Dessa forma, os objetivos propostos foram parcialmente alcançados: compreender a relação dos estudantes com a ciência e a desinformação, analisar a contribuição das oficinas nesse processo e propor o aprofundamento teórico sobre educação midiática. Para trabalhos futuros, recomenda-se investir na sistematização de práticas pedagógicas que promovam o diálogo entre ciência, comunicação e territórios, bem como na formulação de políticas públicas voltadas à educação para a mídia em contextos periféricos.

4. REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. *Media education: literacy, learning and contemporary culture*. Cambridge: Polity Press, 2003.

CAPURRO, Rafael. Towards an ontological foundation of information ethics. *Ethics and Information Technology*, v. 8, n. 2, p. 175–186, 2006. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10676-006-9112-1>. Acesso em: 7 jul. 2025.

CHAGAS, Claudia; MASSARANI, Luisa. *Manual de sobrevivência para divulgar ciência e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2020. 152 p. ISBN 978-65-5708-027-6.

DI FELICE, Massimo. *Cidadania digital: uma perspectiva pós-social*. São Paulo: Paulus, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FLORIDI, Luciano. *The ethics of information*. Oxford: Oxford University Press, 2013. Disponível em: <https://global.oup.com/academic/product/the-ethics-of-information-9780199641321>. Acesso em: 7 jul. 2025.

OLIVEIRA, Thaiane Moreira de. Desinformação científica em tempos de crise epistêmica: circulação de teorias da conspiração nas plataformas de mídias sociais. *Fronteiras: estudos midiáticos*, v. 22, n. 1, 2020.

OLIVEIRA, Thaiane; SOUSA, Lumárya. A educação midiática, diálogos e práticas possíveis com crianças no ambiente educacional da favela. *Comunicação & Educação*, v. 27, n. 2, p. 63–77, 2022. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v27i2p63-77.

RECUERO, Raquel. *A rede da desinformação*. São Paulo: SESI-SP Editora, 2024. ISBN 978-65-5759-174-1. E-book: ISBN 978-65-5759-187-1. DOI: 10.29327/5444931.